

S É R I E

15 CRÔNICAS+



VOLUME II: JOSÉ CLÁUDIO ADÃO

HELENA FRENZEL ED.

CRÉDITOS

Série 15 Crônicas+, Volume II: José Cláudio Adão, 1a. Edição, Helena Frenzel Ed.

Copyright © 2013 Todos os direitos sobre as crônicas aqui usadas estão reservados ao autor: *José Cláudio Adão*, Itabira, MG, Brasil
(uaimundo.blogspot.com)

Apresentação: *Marcio Rutes* – autor gentilmente convidado.
Edição e imagem: *Helena Frenzel*

A grafia dos textos foi mantida como nos originais.

Copyright © 2013 Todos os direitos sobre esta edição eletrônica estão reservados à editora: *Helena Frenzel*, St. Ingbert, Alemanha
(helenafrenzel@gmail.com).

Todos os textos aqui usados com a permissão dos autores. Esta edição pode ser livremente distribuída sob uma Licença Creative Commons - Atribuição - Uso não comercial - Vedada a criação de obras derivadas 2.5 Brasil, desde que na íntegra e com o devido crédito de autoria. Não é permitido de modo algum comercializá-la, alterá-la e/ou usá-la no todo ou em parte para gerar obras derivadas.

Obra disponível para baixar em: quintextos.blogspot.com

SUMÁRIO

CRÉDITOS (i)
SOBRE O VOLUME (iii)
SOBRE O AUTOR (iv)
NOTA DA EDITORA (v)
PARA COMEÇAR... (vii)
PETIÇÃO (9)
O SILÊNCIO (10)
O UMBIGO (11)
APRENDIZADOS INESQUECÍVEIS (13)
EU, UMA VÍRGULA! (14)
DIETAS AFETIVAS (15)
GLEICINEIDE*, O CAFÉ E A MORTE (16)
LÁ ONDE DEUS POSSA ME OUVIR (17)
MEU MELHOR MOMENTO (18)
A TRAGICOMÉDIA DO COTIDIANO (19)
PRIMEIROS PASSOS (21)
QUANDO RIR É O PIOR REMÉDIO (22)
SIEBA (24)
TERAPIA - IV (25)
UM PASSEIO RELAXANTE PELA DOR (27)

SOBRE O VOLUME

Série
15 Crônicas+

Volume II, 1a Edição

Crônicas de *José Cláudio Adão*
com
Apresentação de *Marcio Rutes*
Edição: *Helena Frenzel*

Agosto de 2013
Esta publicação é parte do site Quintextos
(quintextos.blogspot.com)
Venda proibida

SOBRE O AUTOR



JOSÉ CLÁUDIO ADÃO é mineiro de Itabira (MG) e escritor. Publicou o ensaio "A Vida do Bebê - Segunda Parte - De 40 para Frente" (Biblioteca 24x7, 2010) e os livros de crônicas "Arcanjo Isabelito Salustiano" (Biblioteca 24x7, 2011), "Em Cômodos Incômodos da Mente" (Biblioteca 24x7, 2012) e "Vida de Peão" (Pimenta Malagueta, 2012). Vários de seus textos e comentários podem ser encontrados em diversos sites na internet. Aceitou gentilmente o convite para apresentar o primeiro volume da coletânea "15 Contos+". Atualmente prepara novo livro a ser publicado.

NOTA DA EDITORA

Meu primeiro comentário num texto do José Cláudio, o Cacá, data de dois mil e nove, 25 de fevereiro, para ser mais precisa. Pois naquela ocasião falávamos sobre tempo. E já faz muito tempo que vimos dedicando olhos atentos aos escritos um do outro, numa troca produtiva de idéias e impressões. E há muito eu queria ter lançado este volume, planejado para ser o primeiro aliás, mas que, sem prejuízo, tornou-se o segundo desta série de EBooks. Ao que tudo indica, o atraso foi arranjo do destino, já que tudo tem seu tempo e hora certa para acontecer, acredito.

Muito grata sou ao Cacá por ter-me confiado quinze de seus textos para mais esta empreitada. Contamos também com a carinhosa e gentil participação de Marcio Rutes, amigo de crônicas, artífice das Letras, companheiro nas veredas literárias que a vida achou por bem juntar. Não poderia perder a chance de reproduzir aqui o texto do meu primeiro encontro literário com o Cacá, e deixá-lo falar por si mesmo, já que a melhor forma de homenagear um escritor, penso eu, é chamar a atenção para seus escritos, e no caso do José Cláudio, garantido é o retorno do tempo investido na leitura e apreciação. Confira.

Helena Frenzel, St. Ingbert, Alemanha, 08 de agosto de 2013.

TEM UM TEMPINHO AI?

Estamos vivendo a era da luta contra o tempo. Resistimos a tudo que nos “toma” esse precioso elemento. Estamos apressados para tudo. Como a nossa vida tem virado um perde-ganha descontrolado, o tempo é matéria. Os muito atarefados se horrorizam com a possibilidade de deixar de aproveitar algum tempo que todos chamamos de útil. Mesmo que a utilidade em questão seja nada,

lugar algum. Se no trânsito o sujeito lhe ultrapassa, buzina, e vocifera, na maioria das vezes, aonde ele chega primeiro é no sinal fechado. É tão urgente a vida que estamos esquecendo até de “perder” algum tempo conosco ou com os que nos são queridos ou próximos, para podermos viver bem mais tempo. Estamos só passando. Passando correndo, aliás. Precisamos começar a perder algum tempo com umas coisas que farão a nossa passagem ser ganhadora. Não de tempo, mas de substância.

Em casa, não perdemos tempo com os filhos, com a família, para não perdermos o que passa na televisão. Com os amigos, somos breves, lacônicos, porque o tempo não pára e temos sempre algo mais a fazer. No trabalho, tempo é dinheiro, mesmo que ele não venha a ser nosso depois da correria. Se errarmos, então, foram tempo e dinheiro perdidos: rua. Está cheio de gente com tempo esperando a nossa vaga.

Pela falta de tempo, optamos pelos relacionamentos virtuais e despendemos grande tempo na rede mundial, isso mesmo, mundial, para depois de muito tempo e dores nas costas, descobrirmos que estamos sós entre a cadeira e o monitor.

Difícil se estabelecer ou se ouvir uma conversa sobre qualquer assunto que não seja entrecortada pelas palavras: “agora não posso, estou sem tempo”, “dê um tempo”, “se sobrar um tempo eu vou”, ou “eu faço”, ou “eu vejo”, ou “eu leio”, “isso leva muito tempo?”

O lado bom é a sabedoria que ele traz consigo, como senhor da razão, cura dos males da alma e matéria dos sensatos e pacientes. Reserva créditos futuros em longevidade para aqueles cujo tempo é exatamente a medida calculada para a satisfação das necessidades básicas e abundante para ser gasto em outros bons tempos e em alheamento e observação.

José Cláudio Adão, 25 de fevereiro de 2009.

PARA COMEÇAR...

Talvez o Cacá sequer lembre, mas certa vez enquanto preparávamos uma entrevista sobre ele para um blog, onde eu era um dos editores, ele saiu com esta pérola:

“Quantas vezes temos uma idéia que consideramos boa, interessante ou até genial e deixamos para lá ou não passamos de uma fala ou comentário com alguém, ou ainda não sentimo-nos seguros e autoconfiantes para transformá-la numa manifestação sublime?”

Falávamos sobre inspiração, e fiquei me perguntando: “Qual é o segredo do Cacá para conseguir escrever desse jeito tão simples e, ao mesmo tempo, tão completo e cativante?”. Mas, será que existia algum segredo? Sim, existia! E a resposta estava em algo que ele citara pouco antes:

“Quanto mais se toma nota daqueles pequenos “estalos” que acontecem conosco, mais se afigura algo que pode até ter sido construído a duras penas, mas que é fruto do que chamo de inspiração.”

O segredo do Cacá era somente isso? É claro que não. Havia mais, e fui atrás da resposta.

A mineirice desse Itabirano talvez colabore para seu talento. Afinal, respirar os mesmos ares que inspiraram Drummond deve fazer um bem danado para a alma e incitar os neurônios. E como todo bom mineiro, ainda tem o fato de “comer pelas beiradas”, daquele jeito “*quietim, quietim*”, o que deve produzir alguma reação química lá pelas bandas nada empoeiradas do cérebro e dar um curto-circuito... não! Era mais!

Eu conto o segredo do Cacá. É, eu descobri!

Ele é cozinheiro, e dos bons. Não tem medo de provar o novo, e vai além, dando o toque dele, com temperos plantados em seu próprio quintal. No entanto, em seu cardápio existem alguns pratos que teimam ficar ainda melhores quando são preparados em suas panelas e por suas mãos. Obviamente, outros

cozinheiros-autores também preparam esses pratos de forma magistral, mas quando o Cacá está de mestre-cuca, fica muito mais saboroso. E uma de suas especialidades é, justamente, a CRÔNICA.

Mas não pense que ele é egoísta em sua mesa. Um dos divertimentos desse cozinheiro-cronista é convidar outros cozinheiros para sua mesa. Em algumas oportunidades, me vi gratificado quando o Cacá, em sua humildade e generosidade, me enviou alguns nomes de talentos que ele garimpa por aí.

Outro segredo? O Cacá é garimpeiro? É sim, mas isso é outra história...

Não sei escrever de forma contida sobre José Claudio Adão, o Cacá, a quem tive o privilégio de entrevistar, ler, comentar, e chamar de amigo.

Só entende o prazer de escrever uma crônica aquele que sabe se entregar verdadeiramente à leitura do cotidiano. Existe muita coisa acontecendo ao redor, e quando nos damos conta disso, vemos que nosso mundinho vai além do mero quintal que conhecemos ou enxergamos. E que se diga, enxergar não é o suficiente. Existe um sexto sentido presente no cronista, chamado SENSIBILIDADE. Aprendi isso com o Cacá.

Por vezes, passamos mil vezes por algo que sequer damos atenção, até que um dia um cronista resolve escrever sobre aquilo. E nos assustamos com o poder de observação que ele, o cronista, possui. Aquilo tudo estava ali e nunca percebemos? Mas não se assuste, isso é normal e, claro, faz parte da sensibilidade que peregrina a todo instante com aquele que escreve sobre o cotidiano. O cronista é assim, adora fuçar uma SIEBA e garimpar alguns tesouros nela.

Não sabe o que é SIEBA? O Cacá sabe, e me contou. Só que para isso, ele fez uma bela crônica sobre o assunto.

O trem já apitou na curva. E lá na cozinha do Cacá tem pão de queijo, café fresquinho e crônica da boa.

Servido?

Marcio Rutes, 03 de agosto de 2013.

MARCIO RUTES é curitibano, cronista e escreve para jornais desde 1986. É autor da coletânea de crônicas “*Abismo das Vaidades*” lançado pela editora PERSE em 2012. Mantém o site “*De Prosa Pro Vento*” onde vem publicando contos, fábulas e outros gêneros.

PETIÇÃO

Data venia:

Enquanto puder tramitar vivo, sendo ou não julgado, eu protesto: quero morrer por decurso de prazo. Haverá de ter todo o tempo para os recursos ordinários e quiçá, extraordinários que a vida colocar ao meu alcance. Querelas e litígios não busco pois no caminho já encontro tantos. Me defendo, dissimulando com argumentos e princípios legais válidos. Meu requerimento de *habeas corpus* é a palavra escrita e não precisa ser avaliado de imediato. Se vier me visitar antes do tempo, ó inoportuna morte, que fique naquele espaço da *incomunicabilidade* e me veja tão somente como prisioneiro de uma enfermidade qualquer, mas deixe que eu seja recuperado se for o caso. Depois disso, seja bem vinda. O tempo presidirá o tribunal do júri, composto das excelências que relaciono, a saber: mulher, filhos, amigos, irmãos e pessoas de bem que me acompanharam a trajetória. Dirão elas se meu legado foi capital humano ou uma massa falida.

Nestes termos, dispenso tutela antecipada e peço deferimento à boa vida.

O SILÊNCIO

Velhos hábitos que foram deixados de lado costumam voltar com uma energia barulhenta. De vez em quando eu tenho que soltar a voz no banheiro. Me pego freqüentemente cantando debaixo do chuveiro. Ligo para alguém com alguma desculpa esfarrapada só para não deixar a minha voz atrofiar. Falo de coisas totalmente desprovidas de finalidade, faço piadinhas, pergunto sobre a pessoa do outro lado, afinal, não sou tão egoísta de apenas tagarelar e não dar ouvidos.

Descubro que é por causa de uma outra escolha que está me rondando: um silêncio obsequioso imposto de mim para mim mesmo. Meu Deus, eu e essa minha racionalidade incontrolada, incompreendida e, portanto, insuportável no mais das vezes! Estou com uma quedinha cada vez maior para o silêncio.

Escrever está virando, dia após dia, a minha fala. O meu silêncio é resultado de um meio cansaço, inapetência, derrota e desânimo de ficar lançando palavras ao vento. É isso, os diálogos não têm passado de palavras ao vento, está *quase todo mundo* com muitíssima necessidade e urgência de falar, mas pode-se catar nos dedos das mãos alguém que queira ouvir e dê significado às falas alheias.

Não estou querendo mais o consenso de quem apenas não quer perder o bonde, sequer sabendo para onde ele vai levar. Nem as contestações inauditas, porém fundamentadas depois do jornal da noite ou da leitura da última revista semanal. Tampouco o consenso do padre ou pastor com suas premissas político-religiosas advindas de interpretações muitas vezes sorrateiras do sagrado. O mais é futebol, mulheres, o que se ouviu e se viu na TV e... fofoca.

Assim o meu silêncio vale mais.

O UMBIGO

Tempos atrás tive uma hérnia e o meu umbigo deu uma estufada, parecendo que a minha barriga estava querendo virar ao avesso. Meu irmão chegou a me dizer, numa gozação, que o meu umbigo estava parecendo um caroço de manga. Fiquei tempos sem tirar a camisa perto de qualquer pessoa. Fui à praia antes de operá-lo e tive que arranjar um elástico com um frequencímetro, que me serviu de cinta, para esconder aquela protuberância esquisita. Foi até bom, pois deu-me um “*ar*” de maratonista enquanto caminhava na orla pela manhã. Na verdade, eu estava tremendamente incomodado com aquela anomalia repentina. Nunca quis que o mundo estivesse no centro do meu umbigo, mas também não queria que o meu umbigo virasse o centro das atenções do mundo.

O limite da vaidade humana está sendo atingido no bom sentido e ultrapassado no mau, em muitos casos. No bom sentido eu acho que mesmo com uma vaidade demasiada as pessoas acabam cuidando melhor da saúde do corpo em geral e isso pode elevar a sua longevidade. No mau sentido, é que há gente que não consegue fazer outra coisa senão pensar que a finalidade da existência está na aparência e a essência só existe através daquilo que elas mostram exteriormente para o mundo.

Lembrei-me então de minhas duas filhas quando nasceram. A primeira, o médico mandou cuidar muito bem da assepsia na “cura” do umbigo, não tanto por vaidade, nem para ela ficar com a barriguinha bonita, mas para evitar alguma infecção, uma vez que era prematura e nascida de baixo peso. A segunda teve até redoma para isolamento contra o “mal de sete dias”, aquela superstição que muita gente ainda possui e que não deixa nenhum estranho se aproximar da criança no seu sétimo dia de vida. E o pior da superstição é acreditar que as visitas é que vão transmitir os males justamente no sétimo dia.

Agora faço uma recomendação aos pais neófitos que pintam por aí todos os dias praticando a saudável e necessária reprodução da espécie: cuidem bem da cura dos umbigos de seus bebês. Se ele crescer uma criança, especialmente se for

uma menina, com um umbigo mal curado não vai haver perdão no futuro. É tanta vaidade que vocês poderão ser enquadrados nas leis de proteção contra maus tratos, negligência e ainda por cima ter que deixá-la colocar um *piercing* prematuramente com a desculpa de disfarçar ou então gastar uma nota com uma cirurgia plástica. Não demora e vai aparecer cientista da estética tentando provar que o centro do universo é o umbigo e o resto gravita em torno dele.

APRENDIZADOS INESQUECÍVEIS

(Aqueles que entram no meu rol das felicidades feitas de pequenas coisas).

Eu nunca aprendi arrotar. Eructação é considerada uma tremenda falta de educação quando em público na nossa cultura. Ponto para mim. Mas não ria, pois em compensação eu vivo tendo soluços que chegam a doer no peito.

Lembrando da crônica *Meu Estado de Ser Feliz* que escrevi sobre pequenas coisas importantes para a nossa auto estima se manter sempre elevada (apesar de nossos políticos), fui pontuando algumas inesquecíveis. Aí fui voltar lá nos meus quatro ou seis anos mais ou menos, época em que aprendi a assoviar. O objetivo principal naquela época era poder fazer que nem os meus colegas que já sabiam e chamávamos uns aos outros através de um assovio coreografado para brincar na rua. É isso mesmo, houve até reunião da meninada para combinar como ia ser. Tinha assobio para jogar bola, assobio para brincar à noite na rua, para formar pelotão de defesa quando havia algum menino em apuros (brigas) e até mesmo para fuga, quando o pelotão não se formava, daqueles de colocar dois dedos nos cantos da boca, apitar e sair em debandada. Já o assobio é mais passarinhado, cancionero, poesia assoprada. Foi meu pai quem me ensinou e muitos anos depois eu ensinei às minhas filhas.

Herdei de meu amado irmão um aparelho celular cuja música toque de chamada (whistling wizard - Mágico Assobiando) é um tipo de assobio mais doce e alegre que pode haver para esses aparelhos infernais quando estão em recintos fechados. Harmoniza e acalma as fúrias do entorno na hora que toca inconvenientemente. E ainda posso disfarçar imitando a canção com meu próprio assobio. Se quiserem me xingar por desafino, aí eu digo que é do aparelho.

Quer uma sugestão de um assobio que é poesia sonora? Ouça Bola de Meia, Bola de Gude, com Milton Nascimento.

EU, UMA VÍRGULA!

*Enquanto o tempo
Acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara...
Enquanto todo mundo
Espera a cura do mal
E a loucura finge
Que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência...
(Lenine, Paciência)*

A vírgula tem me perseguido através do dedo indicador toda vez que vou escrever (no caso, digitar) uma frase. Estou ficando lacônico ou pausado? Me parece que a pausa mental está se transferindo literalmente para o dedo. À medida que vou aprendendo umas coisas na vida como ouvir mais antes de emitir uma palavra, à medida que vou sentindo pisar em ovos em situações que antes eu podia entrar de peito aberto para dar *pitacos*, vou ficando feito vírgula num texto. Era para ser assim, como a respiração, conforme me ensinaram, mas como respiro escrevendo acho que estão coincidindo as duas coisas. Se estou conversando com alguém, ouço, respiro e só depois falo. Se comento em algum texto na internet, respiro e vou pondo vírgulas. Às vezes mesmo sem necessidade, uma espécie de automatismo preventivo, sei lá. Os melindres andam tão desabrochados nas quatro estações do ano que umas vírgulas tem me protegido de constrangimentos e inimizades. O corpo fala mais ousado nas fases mais viris da vida. Depois de uma certa idade ele pede, implora, reivindica calma. Para mim, atualmente, nada mais sensato do que quebrar — sem machucar — o modo imperativo com uma vírgula.

DIETAS AFETIVAS

— Você guarda uma roupa durante quanto tempo esperando emagrecer?

— Que pergunta mais besta! Isso aqui são roupas que eu costumo usar em algumas ocasiões especiais.

— Mas e esse monte de calças de brim aí no cabideiro que nem foram usadas ainda? E ainda por baixo tem duas gavetas lotadas de blusas até com etiquetas!

— Ora, são para o dia a dia, é que eu tenho muitas!

— Mas, mas... Você vive reclamando que não tem roupa nenhuma...

— Isso é coisa de mulher. Às vezes a gente olha, vira, mexe e não acha nada que agrada. Parece que tem que ter uma roupa para cada cara que o dia apresenta para nós.

— Ou para cada cara que você apresenta para o dia?

— Dá na mesma. Isso não altera nada. E você já está me enchendo!

— Talvez seja melhor você se encher de mim do que de comida. De vez em quando a gente vê por aí que depois de uma separação a mulher perde peso e ganha uma vitalidade proporcional. Quase sempre torna-se mais bonita. Parece que o peso de que se livrou era duplo. A infelicidade descontada na comida sempre tem dupla motivação. Uma coisa puxando a outra?

— Como assim?

— Fome de amor puxando a fome por comida?

— É, isso pode ser verdadeiro. Pelo menos no meu caso!

— Que agressão! Não precisava tanto.

— Ah é, e a sua provocação com meu peso e com minhas roupas, é o quê?

— Então tá, quer discutir a relação agora, vamos lá para a mesa que tá na hora do almoço.

— Não, obrigada, perdi a fome.

Da série: DESMEREcimento HUMANO EM PROSA

GLEICINEIDE*, O CAFÉ E A MORTE

Estava na cozinha vendo uma velha garrafa de café e comentei com a Gleicineide que uma das formas que a gente tem de se livrar de uma garrafa de café velha é esperar algum velório. As pessoas costumam levar café durante a madrugada e raramente há alguém que volta com a garrafa para casa. Cisma higiênica, superstição ou oportunidade de descarte para comprar outra. Consumismo também ensina macetes mais inusitados do que reciclagem. Foi o que já presenciei em alguns velórios. Nunca vi alguém levar café, leite ou chá e depois voltar com a garrafa para casa. Se bem que o meu cunhado do jeito que é pão duro... Se bem também que sendo pão duro, será que ele levaria alguma coisa? Cabeça ruim essa minha!

A Gleicineide já me interpelou dizendo que se depender dela sequer vai ver se tem café.

— Seu moço, eu nem entro naqueles quartinhos de velórios. Se o senhor quer saber mesmo, eu não tenho coragem nem de ir ao banheiro num cemitério. Da última vez eu perdi um primo e fiquei com vontade de fazer xixi mas não fui ao banheiro. Minha mãe até se ofereceu para ir comigo. Fiquei com a bexiga cheia a noite inteira. Cadê coragem?

— Mas medo de que, Gleicineide, você ainda acredita em fantasmas?

— Seu moço eu tenho medo dos mortos e dos vivos mas dos mortos eu tenho mais, viu? Assim, não é a pessoa que volta para assombrar a gente, não! É o diabo que assume as feições daquela pessoa ali morta e volta pra gente.

— Mas o que uma assombração dessas pode fazer, Gleicineide?

— Uai, no mínimo deixar a gente doida.

— Doida?

— Doida de tanto medo, seu moço. Sei lá, não vou, não tenho coragem de olhar pro defunto nem amarrada! Imagine se eu vou ter coragem de tomar café?

*Personagem que criei, Gleicineide é uma diarista.

LÁ ONDE DEUS POSSA ME OUVIR

(EXILADO)

Eu fui cedinho à padaria e já estava lotada. Na minha vez da fila eu era “o próximo”, gritou o caixa. Daí há pouco tive que pagar umas contas, ir aos correios e outras coisas. No banco eu era o numero 59 da senha, no correio a luzinha me chamou pelo 83. Quando eu chego em casa, minha mulher não se agüentando de dor de cabeça e vamos nós para o pronto socorro. Lá, era não só eu, mas nós dois, uma senha única: a 14 Normal. Disseram que uma dor de cabeça não era urgente.

— Nem se estiver latejando muito a ponto de não suportar luz e barulho?

— Só se estiver desfalecida ou chegar de Samu ou viatura da polícia...

Bom, nada grave e deu tempo de atender a um chamado da Receita Federal, onde sou o contribuinte, identificado pelo meu CPF. No banco sou correntista, no consultório, o paciente, na fila, impaciente. No marketing sou consumidor, réu da vida que me põe tanto rótulo.

Tenho saudade de quando o mundo era grande. A gente era igual gente de verdade. Vinha uma informação lá do outro lado do mar e diziam que o nome da pessoa que era fulano de tal. Agora, é a vítima, o transeunte que foi atropelado, o usuário cadastrado, o morador do 101. Só tem nome com direito a figurar para todo lado as celebridades. Até aquelas de quinze minutos.

Lá onde Deus pode me ouvir é que sou gente mesmo.

MEU MELHOR MOMENTO

Meu melhor momento é aquele que ainda está por vir. Está nesse futuro que chamo de *daqui a pouco* ou *amanhã*, nada muito distante. O amadurecimento é eliminatório, eu acho. A gente, com o tempo, vai desclassificando algumas coisas que nos aconteceram, sem eliminar a sua positividade mas elegendo outras melhores, numa sucessão que seria o melhor dos mundos se alternassem só momentos bons com outros melhores ainda.

Não posso eleger meu melhor momento pelo que já vivi. Seria cometer muita injustiça com os bons instantes que a vida me proporcionou. Imagine eu dizer que foi quando me tornei pai? Da segunda vez, como ficaria o meu coração que ama minhas duas filhas igualmente? Se eu dissesse que foi quando escrevi o meu primeiro livro? E o carinho e dedicação com os demais? As primeiras vezes ficam mais fortemente guardadas, é verdade. No entanto há aqueles momentos em que a gente numa euforia breve acaba escolhendo um acontecimento como o melhor. Tudo bem, pode ter sido. Mas só daquele instante. Seria desprezar o potencial de coisas boas que a vida nos reserva para virem a ser os melhores momentos. Por isso eu escolho o presente como o meu melhor momento e se me permitem um trocadilho, o presente como o meu melhor presente.

Agora, se for imperativo ter que escolher um único momento, nem que seja só para que não me chamem de birrento, acho que foi quando eu nasci. Esse não tem chance de fazer reparos nem de se repetir.

A TRAGICOMÉDIA DO COTIDIANO

“A ignorância degrada os homens somente quando se encontra associada à riqueza. O pobre é sujeitado por sua pobreza e necessidade. No seu caso, os trabalhos substituem o saber e ocupam o pensamento. Em contrapartida, os ricos que são ignorantes vivem apenas em função de seus prazeres e se assemelham ao gado, como se pode verificar diariamente. Além disso, ainda devem ser repreendidos por não usarem sua riqueza e ócio para aquilo que lhes conferiria o maior valor.”

(Arthur Schopenhauer – A Arte da Escrita)

O lanche chegava com ele quase intacto todos os dias. Era raro o dia que vinha só o refrigerante ou só a fruta ou só o pão, biscoito ou bolo. Ia guardando na geladeira e no armário da cozinha. Ele e a mulher ficavam fora de casa a maior parte do tempo. Chegavam do trabalho, um rápido banho e iam para a faculdade. Não havia tempo e disposição para consumir aquilo. Podia estragar. Era um desperdício, segundo ela. Ele não achava. Era sovina demais. Dizia que uma hora ia dar fome e não precisariam comprar nada.

— Você não acha que está juntando coisa demais, não?

— Por que você não come?

— Eu almoço na empresa e lanche na escola. Não tenho mais estômago. E também esse pão com cara de velho, esse refrigerante que só serve para engordar, tá doido? Você pode ficar *saradão*, eu não, *né*? Pois você também não come. Por que não se recusa a receber esse lanche ao invés de ficar entupindo a geladeira e o armário?

— Não pode. Meu chefe disse que somos obrigados a aceitar. Foi exigência do sindicato que dessem lanche e eles fiscalizam se estamos recebendo direitinho.

— Mas é um direito não aceitar, não?

— Sabe como é, chefe meio abestalhado, fica querendo fazer média com o pessoal que está acima dele. A gente acaba pagando o pato, ou melhor, se empanturrando de tanto comer!

— Então vamos doar. Todo dia tem gente aí na porta pedindo comida.

— Doar, doar... Vai que é num dia que me dá ou te dá fome... E nós, como ficamos?

— Ora, deixe de ser mesquinho, *tá* sobrando lanche aqui em casa!

— Pense bem, você fala que essas coisas engordam e fica querendo doar! Só porque é pobre pode comer qualquer coisa?

— Ah é, e você quer que eu doe produtos *diet* pra quem *tá* esfomeado? Isso é coisa de quem já está com comida saindo pelos poros. Outro dia eu dei a um moço um sanduíche de pão integral com ricota e na hora em que saí, estava bem no cantinho da rua. Ele só provou, deve ter achado horrível, se sentiu desprezado e jogou fora bem aqui para que eu visse, dever ser!

— Dê biscoito água e sal da próxima vez. É baratinho, gostoso e não engorda.

— Eles ainda nem alcançaram uma alimentação protéica e já vão ganhando redução de nutrientes? Outro dia eu li que uma senhora quando recebeu sua primeira bolsa família levou os quatro filhos ao Mc Donalds para comerem sanduíches e foi muito criticada. As pessoas dizendo para ela que em vez de comprar uma cesta básica foi gastar com supérfluo. E aí, isso é justo?

Silêncio na casa.

Nota: baseada em fatos surreais.

PRIMEIROS PASSOS

No dia em que eu ouvi na sala de aula do segundo ano do curso técnico (atual ensino médio) que “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, alguma coisa começou a se modificar na minha forma de pensar. Eu nunca mais seria o mesmo depois daquele dia. Não que eu tivesse me perdido ou criado algo de novo. Eu quero dizer que o meu pensamento modificou-se de tal forma que as associações começaram a acompanhar o meu modo de raciocinar. Ainda nem imaginava de que tratava a tal da dialética. O que eu queria naquele momento era namorar muito. Estudar e trabalhar eu queria também, mas era muito mais uma necessidade, um sonho dos meus pais e um sonho de todos os filhos de uma família mediana que projetam o tal de “vencer na vida” entre as suas prioridades mais absolutas. Muito mais tarde eu iria conviver com umas leituras oriundas de uma militância de amigos mais velhos, já que eu era ainda muito filhote e pude ler no cotidiano que tudo se relaciona. E eu me transformei, meio perdido, mas procurando criar e modificar o mundo ao meu redor, pelo menos. Ao Lavoisier, o dono da descoberta da imutabilidade das coisas, e cujo principal instrumento de trabalho era uma balança, meu muito obrigado pela luz no meu pensar.

QUANDO RIR É O PIOR REMÉDIO

Não, não é texto com aquelas piadinhas sobre provas de Enem, vestibular ou concursos que tenham redação. Nem é para desmerecer autores que cometem deslizes em um site literário. Há pessoas que escrevem muito corretamente sem ter, no entanto, clareza de pensamentos e não conseguem sequer expressar qualquer comunicação que deva ser levada em conta. Escrevem o nada com uma correção gramatical impecável. Outras tem enorme dificuldade com as palavras, e, no entanto, transmitem jóias de pensamentos. O que se fala aqui é do lugar não apropriado. Erros de digitação são perfeitamente compreensíveis. Para o texto ter boa receptividade, boa aceitação, precisa ter uma correção. Eu digo isso para um site literário. É questão de credibilidade. Não quero posar de senhor sabe tudo, nem tenho capacidade de ficar ensinando. Sem pedantismo nem arrogância, é uma autodefesa, de cada um que bota a cara de um site para fora, pois ele é visitado pelas pessoas de dentro e de fora. Não é desagradável a gente receber uma visita em nossa casa e ela estar meio suja ou desarrumada por falta de cuidados nossos?

A mensagem pode ser bacana, não sou exigente, nem professo perfeição, feito o Aldrovando Cantagalo, aquele personagem do Monteiro Lobato. Cometo bastantes erros. Abaixo, umas expressões contidas nuns textos e comentários que recolhi, navegando. Como navegar não é preciso...

A natureza é meu “abitar”;

Mas “perca” de tempo é demais.

“Eslongiada “e linha “tênuia”,

E isso não é de minha “altoria”.

“Dês” do dia que me conheceu;

Aves que voam no céu seguindo seu próprio “extinto” (instinto).

E teve também alguém com “máguas” de amor.

Gostaria primeiramente te agradecer pelos seus comentários "ensentivos" "o qual" me faz tão bem.

A lei pune severamente pessoas que “afrigem” a lei.

Saudosos momentos que me marcaram e que se foram num “instalar” de dedos.

Alguém que te faz “soar” e ficar nervosa ao chegar...

Alguém que te faz “expôr pra fora” o que sente com um simples olhar.

Você é mais “herodito” do que eu (a intenção deve ter sido escrever “erudito”).

Obrigada por me “ensentivar” me fazendo um comentário positivo de minhas poesias e pensamentos.

Não me importei que as pessoas me “olhacem” daquele jeito.

Os assuntos iam de vento “e polpa”.

A pessoa escreveu **falco** amor e depois pediu desculpas retornando com o **ç** pois ela queria escrever falso.

“Deichou” “transpareser” sua alma, tenho a “sertesa” que não é só ficção.

“Encrivel”, parabéns.

SIEBA

Quando ouvi pela primeira vez a palavra eu me deparei com uma novidade nunca antes imaginada. Conhecia rejeito por ter trabalhado muitos anos em mineração, mas nenhuma referencia a este vocábulo esquisito. Explicaram-me: quando os garimpeiros furam um buraco abrindo uma pequena mina, procuram o veio e para isso vão selecionando as pedras preciosas. Vão tirando terra e jogando para fora. As pessoas que não tem acesso ao veio podem garimpar naquele monte de terra e cascalho. Costumam achar muita pedra boa, semipreciosa e até pequenas pedras preciosas. Aquele monte se chama *sieba*. As pepitas das jóias mais belas e raras já foram colhidas pelos garimpeiros experientes e conhecedores das “manhas” das garimpagens. Eu me considero produtor de sieba do pensamento, pois acho que tudo o que de precioso que se tinha de ser pensado e produzido já foi. Fico na sieba mental na esperança de encontrar algumas preciosidades.

TERAPIA - IV

EQUILIBRANDO

Vou exercer mais uma vez a minha sina (construída) de conciliador. Fui aprendendo com muito custo e tive que viver turrão por muitos anos, pois a resistência sempre foi enorme em ver que a vida constantemente nos empurra para a busca do equilíbrio. O meio termo vai ao encontro do morno. “Seja quente ou frio que se for morno eu te vomito” não funciona comigo.

Se ouço uma música com um som estridente ela até pode ser bonita mas incomoda. Se for baixa demais, inquieta pois não consigo apreciá-la integralmente pondo os sentidos para se acariciarem na audição que se espalha pelo corpo todo em uníssono. A comida é o melhor exemplo. Imagine sem tempero algum? Ou temperada em demasia? Aliás, tempero é uma palavra que simboliza equilíbrio. O trabalho tem que ser alternado com descanso, já que nem o corpo suporta, nem a cabeça consegue manter-se sã e fazer o corpo produzir sem um risco de acidente, doença ou o sono dominar independente da teimosia em manter-se de pé. A paixão é uma causadora de desequilíbrios mais difíceis de serem controlados. Em excesso provoca escárnio, transtorna, deixa o sujeito *abestado* e enlouquece. De menos é como uma comida sem tempero. Nos dois casos adia a chegada do amor ou mandam-no embora para sempre. A fé precisa de pilares bem sustentados para não transformar-se em fanatismo ou em proselitismo hipócrita. O dinheiro não pode ser demais para não escravizar a pessoa a seu serviço e idolatria nem pode ser de menos a ponto de escravizar a pessoa a serviço de sua desesperada busca apenas para o básico cuja falta leva à calamidade ou ao extermínio. A alimentação, dizem os bons especialistas, deve ser balanceada. O organismo necessita dela em doses moderadas. Desde a antiguidade se dizia que “o seu alimento será o seu remédio e o seu remédio será o seu alimento.” Um trocadilho sábio. O lugar onde a gente mora: vamos comparar uma grande cidade com uma cidade pequena: quantas vezes não

queremos ir morar num lugar tranquilo, onde as coisas acontecem mais devagar e com menos suspense e violência. E quem mora lá nos lugares pequenos fica doido para vir para a cidade grande sob o argumento de que lá nada acontece.

Tem aquelas coisas que pela sua própria natureza não dão boas vindas a um meio termo. Cerveja? Gelada! Montanha russa? Quanto mais desafiadora, mais emoção! Saudade? Para libertá-la só revivendo o que a trouxe.

Meu senso crítico faz parte de um circuito que vive no automático. Só deixo desligado o botão do julgamento. Esse precisa de controle externo. Estou me habilitando à mediocridade e à elevação. E vou seguindo.

UM PASSEIO RELAXANTE PELA DOR

As soluções prontas são um balde de água fria no hábito de pensar. Antigamente as coisas iam acontecendo e os recursos eram escassos. Enquanto faltavam técnicas apuradas por um lado, abundavam pensamentos por outro. O homem ia vendo as coisas, os fenômenos naturais e ia teorizando, esperando socorro. Foi assim que nasceu a filosofia. E como tinha pouca gente para pensar, os mesmos filósofos viram que tinham que resolver os problemas eles mesmos. Tanto que viraram cientistas também. Enquanto deixavam o pensamento vagar em observações no cosmos sob o sol, luas e estrelas, iam fazendo umas continhas, misturando umas substâncias, testando umas superfícies lisas ou ásperas e tomando anotações. Nasciam os astrônomos, físicos, matemáticos e por aí afora.

Quando pensaram na dor, que remédio tinha a não ser teorizar? Teve gente que afirmava que com a dor se aprendia a viver melhor, uma forma de superação de adversidades. Ficar impassível diante da dor provocava uma elevação do caráter. Veio o tal do estoicismo. Uma aula com a dor. Era preciso aprender a cura, no entanto, pois muita gente não entendia o princípio e continuava sentindo dores. Além do mais quem poderia transferir para a alma, onde o suporte é maior, uma dor que tá doendo no braço, na perna, na barriga? Aí houve uns que começaram a estudar o corpo humano e a medicina foi aparecendo depois, devagar.

O que atrapalhou um pouco os planos, ou melhor, os pensamentos bem intencionados acerca da dor foram umas pessoas que passaram a sentir um certo conforto e prazer com ela. Eram os tais dos masoquistas atrasando o desenvolvimento da filosofia e da ciência. Pode uma coisa dessas? Como tudo tem uma reação (já estava começando a germinar o conhecimento da lei da ação e reação), apareceram aqueles que gostavam de ver o sofrimento alheio e também sentiam prazer nisso. Eram os sádicos, tradicionais rivais dos masoquistas durante muito tempo. E bem mais à frente na história vamos ver que se aliaram.

Muitos acabaram em moderníssimos motéis com chicotinhos, correntes, algemas e outros apetrechos, já que a sociedade começou a punir abusos em praça pública. Coisa de foro íntimo, eu nem tenho nada com isso.

Não falei dos hipocondríacos, uma categoria intermediária, mas deixa para lá. O caso deles quase nunca envolve dor. Acho que se trata mais de carências da alma querendo algum reconhecimento e que são substituídas por aparentes doenças e muitos remédios. Se lhe derem umas pílulas de trigo ou maizena disfarçadas e disserem que resolvem os problemas, muitos se curam com uma facilidade incrível.

Motivo dessa prosa toda? Eu estava andando de bicicleta e me deu uma dor danada no cóccix. Pode falar nos ossos da bunda? Não me levem a mal, não há intenções sádicas nem masoquistas. É que eu fiquei uns tempos parado e até me acostumar novamente não tenho outro remédio senão pensar e ir me exercitando. E cóccix é uma palavra muito difícil de ser pronunciada. Só de pensar, dói.

José Cláudio Adão
(uaimundo.blogspot.com)